

---

## A RELAÇÃO URBANO-RURAL EM PRIMAVERA DO LESTE-MT, UMA CIDADE-POLO DO AGRONEGÓCIO

---

THE URBAN-RURAL RELATIONSHIP IN PRIMAVERA DO LESTE-MT,  
AN AGRIBUSINESS CITY

LA RELACIÓN URBANO-RURAL EN PRIMAVERA DO LESTE-MT, UNA  
CIUDAD DE AGRONEGOCIO

**Armando Wilson Tafner Junior<sup>1</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/5842065956823540>

<https://orcid.org/0000-0001-8298-811X>

**Rogério Rêgo Miranda<sup>2</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/4960836976718202>

<https://orcid.org/0000-0001-6309-7653>

**RESUMO:** A formação espacial do município de Primavera do Leste influenciou diretamente na atual desigualdade habitacional em sua área urbana. A alta composição orgânica do capital apresentada na área rural, refletida em uma agricultura altamente mecanizada forjou a relação resultante no arranjo do espaço urbano- rural na cidade em questão. O processo de estabelecimento do espaço urbano, é recente e constitui-se rapidamente, em um processo acelerado, sem nenhum planejamento pré-estabelecido. O Plano Diretor do município foi estabelecido por meio da Lei nº2.061 do município, somente em 19 de abril de 2022, quase quarenta anos depois da sua emancipação. O espaço urbano foi construído por meio de ações voltadas aos interesses especulativos de agentes imobiliários, segregando de forma velada a classe trabalhadora do município, por meio da especulação. O espaço urbano passa ser um local voltado somente para àqueles que são detentores de terras e ou dos meios de produção no município, afirmando a cidade como um espaço de exclusão.

**Palavras-Chave:** Latifúndio; Problema Habitacional; Especulação Imobiliária; Configuração Espacial

**ABSTRACT:** The spatial formation of the municipality of Primavera do Leste directly influenced the real housing inequality in its area. The high organic composition presented in the rural area, reflected in a highly mechanized

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Ciências Políticas da Universidade do Sul e Sudeste do Pará. Mestre e Doutor pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA); E-mail: [armandojr@unifesspa.edu.br](mailto:armandojr@unifesspa.edu.br)

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [rogeriomir@ufpa.br](mailto:rogeriomir@ufpa.br)

agricultural area, forged the resulting relationship in the arrangement of the urban-rural space of the city in question. The process of establishing urban space is recent and quickly, and constitutes an accelerated process, without pre-established planning. The Municipal Director Plan appears only in the midst of Law No. 2061 of the municipality on April 19, 2022, almost four years after its emancipation. The urban space was built at the mercy of the real estate agent, secretly segregating the working class of the municipality, through speculation. The urban space becomes a city as a space of exclusion.

**Keywords:** Large land property; Housing problem; Real speculation; Setting of space.

**RESUMEN:** La formación espacial del municipio de Primavera do Leste influyó directamente en la actual desigualdad habitacional en su área urbana. La alta composición orgánica del capital presentada en el área rural, reflejada en una agricultura altamente mecanizada, forjó la relación resultante en la disposición del espacio urbano-rural en la ciudad en cuestión. El proceso de constitución del espacio urbano es reciente y se constituye rápidamente, en un proceso acelerado, sin ninguna planificación preestablecida. El Plano Diretor del municipio fue establecido mediante la Ley N° 2.061 del municipio, solamente en 19 de abril de 2022, a casi cuarenta años de su emancipación. El espacio urbano se construyó mediante acciones dirigidas a los intereses especulativos de los agentes inmobiliarios, segregando encubiertamente a la clase trabajadora de la ciudad mediante la especulación. El espacio urbano se convierte en un lugar dirigido únicamente a quienes poseen la tierra y/o los medios de producción en el municipio, afirmando la ciudad como un espacio de exclusión.

**Palabras-Clave:** Gran Propriedad; Cuestión de Alojamiento; Especulación Inmobiliaria; Configuración Espacial

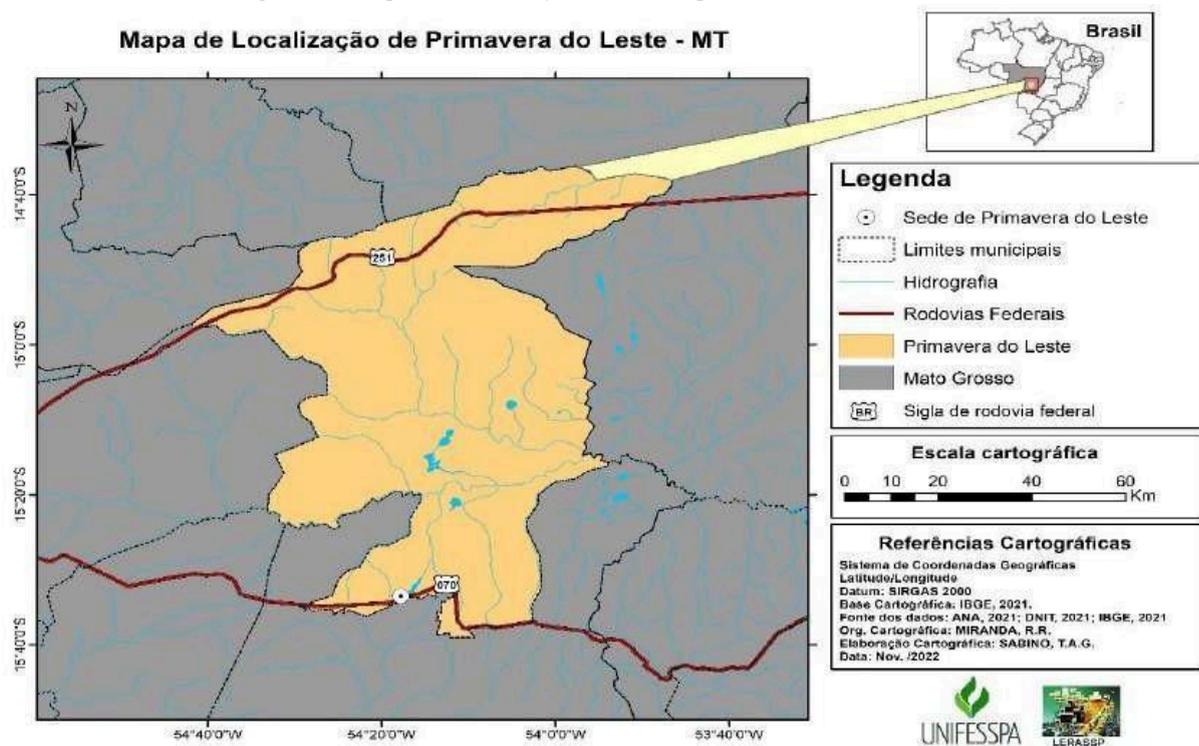
## INTRODUÇÃO

O aumento da intensificação do uso da alta tecnologia no campo atende o modo de produção que nos rege que é voltado à acumulação. Tal forma de reprodução do capital, faz com que os proprietários de grandes extensões de terra, transformem o meio de forma significativa; a modernização – dolorosa – das atividades agrícolas na Amazônia mato-grossense, promoveu o fenômeno do surgimento de cidades-polo do agronegócio (CPA) (Graziano, 1982; Aguiar, 2007). A compreensão do fenômeno das relações existentes entre a implementação da agricultura mecanizada, principalmente na especializada na produção da *commodity* soja, e o surgimento simultâneo de cidades, é um desafio acadêmico na

contemporaneidade devido a proporção ideológica que se torna o espaço urbano nesses municípios (Shiva, 2014).

O atual limite territorial da cidade de Primavera do Leste, foi inserido no âmbito da produção latifundiária extensiva na segunda metade da década de 1980. O capital sudestino, junto com os imigrantes sulistas, chegaram em Mato Grosso e dentro desses espaços, tornaram-se responsáveis pelo arranjo espacial rural-urbano na região.

Figura 1 – Mapa de Localização do Município de Primavera do Leste



Fonte: Miranda, 2022.

O processo de privatização das terras do Estado de Mato Grosso foi alicerçados em dois elementos: grilagem de terra e incentivos fiscais (MORENO, 2007). Primavera do Leste está dentro deste processo. Corrêa (1999) define o espaço urbano do município em questão como capitalista-fragmentado, ou seja, voltado para a reprodução do capital que tem em sua estrutura a exclusão social. A área rural apresenta uma alta composição orgânica do capital, ofertando cada vez menos emprego no campo e concentração fundiária, dificultando o acesso à terra àqueles que não são proprietários dos meios de produção. Ainda há a questão ambiental que tendo ações voltadas somente para a acumulação, por parte dos proprietários de terra, resultam em poluição dos rios e do ar, degradação dos solos e desmatamento.

No espaço urbano, o acesso a moradia fica cada vez difícil devido a especulação imobiliária, fazendo com que bairros sem condições de estabelecer uma moradia digna, surjam em torno dos setores onde há maior estrutura (asfalto, rede de esgoto, área verde...), e por isso tem o metro quadrado com maior valor comercial. A segregação socioespacial em Primavera do Leste, cidade-polo do agronegócio, que tem uma população em torno de 65 mil habitantes, gera um problema habitacional em sua área urbana.

## **A “MODERNIZAÇÃO DOLOROSA” DO CAMPO E A SUA INFLUÊNCIA NAS RELAÇÕES URBANAS**

A formação do ser social é inserida na discussão do espaço devido ao metabolismo sociedade-natureza, onde a vivência voltada à produção de valor de uso é rompida devido a propriedade privada que com o seu poder de exclusão, transforma a reprodução social, determinando-a em favor da exploração ambiental e de mão-de-obra, que resulta na acumulação. Abre-se mão do valor de uso e o valor de troca torna-se protagonista dentro do Capitalismo.

As técnicas de produção agrícola utilizadas dentro de um sistema onde o lucro é o único objetivo, passa a ter o poder de transformar a paisagem, de acordo com o interesse da ordem econômica mundial, criando uma ideologização do espaço que se apresenta como um discurso único, sendo um perigo social, pois aniquila qualquer outra possibilidade de existência fora das relações de capital (Shiva, 2014).

O meio geográfico em via de constituição (ou de reconstituição) tem uma substância científico-tecnológico informacional. Não é nem meio natural, nem meio técnico. A ciência, a tecnologia e a informação estão na mesma base de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço, da mesma forma que participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais). É a cientificização e a tecnicização da paisagem. É, também, a informatização, ou, antes, a informacionalização do espaço. A informação tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre essas coisas. Os espaços assim requalificados atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e assim são incorporados plenamente às correntes de globalização. Atualmente, apesar de uma difusão mais rápida e mais extensa do que nas épocas precedentes, as novas variáveis não se distribuem de maneira uniforme na escala do planeta. A geografia assim recriada é, ainda, desigualitária. São desigualdades de um tipo novo, já por sua constituição, já por seus efeitos sobre os processos produtivos e sociais [...]. Esse meio técnico, científico e informacional está presente em toda a parte, mas suas dimensões variam de acordo com continentes, países, regiões: superfícies contínuas, zonas mais ou menos vastas, simples pontos. É nesse meio que se vêm implantar, no campo como na cidade, as produções materiais ou imateriais características da época. Em uma frase poderíamos dizer que as ações hegemônicas se estabelecem e se realizam por intermédio de objetos hegemônicos. Como num

sistema de sistemas, o resto do espaço e o resto das ações são chamados a colaborar. Cada combinação tem sua própria lógica e autoriza formas de ações específicas aos agentes econômicos e sociais. Esses novos subespaços são, pois, mais ou menos capazes de rentabilizar uma produção. Podemos falar de produtividade espacial, noção que se aplica a um lugar, mas em função de uma atividade ou conjunto de atividades. Essa categoria se refere mais ao espaço produtivo que ao produzido. Sem minimizar a importância das condições naturais, são as condições artificialmente criadas que sobressaem, enquanto expressão dos processos técnicos e dos marcos espaciais da informação. Estaríamos diante de um determinismo de um tipo novo, de um neodeterminismo do espaço artificial, e isso tanto mais quanto a produção considerada é moderna. (SANTOS, 1994 p.24-25).

A fusão entre ciência, tecnologia e informação, à serviço da ordem econômica mundial, possibilitou que a reprodução social de acordo com o paradigma capitalista atingisse o êxtase, conquistando uma hegemonia não vista antes da intensificação da globalização.

A história de Primavera do Leste está inserida no contexto deste neodeterminismo, no qual a economia global determinou que a Amazônia Legal, principalmente em sua área de expansão da fronteira agropecuária, mesmo estando localizada em uma região de transição entre Biomas, fosse um espaço de produção de *commodities* altamente tecnificada e informacionalizada, voltada para a exportação de matérias-primas. As CPAs, como Primavera do Leste, são municípios derivados da introdução intensa da tecnificação da produção no campo, fazendo com que o arranjo espacial urbano seja vinculado a reprodução do Capital na zona rural.

Há um conjunto de elementos que regem as relações sociais das CPAs como os estabelecimentos comerciais, a dinâmica econômica e a distinção arquitetônica, fazendo com que a cultura destas cidades sejam moldadas pelo processo de exclusão social no campo, gerando um pensamento único no qual a prosperidade é advinda somente pela acumulação, criando um fetiche de superioridade nas pessoas que reproduzem o pensamento hegemônico estabelecido por uma cultura de dominação que resulta na segregação socioespacial nas CPAs perante àqueles que não são abastados (Vilarinho Neto, 2005).

A ideologia implementada pela Revolução Verde nas áreas rurais do hemisfério Sul, sob a justificativa de acabar com a fome no mundo, teve como direção a intensificação da mecanização que resultou na concentração fundiária e na exclusão social da sociedade do campo e da floresta. A produção que impera nesse modelo produtivo, não é de alimentos, mas sim de *commodities*, voltadas para a exportação. Em Mato Grosso tal modelo produtivo foi introduzido no final da década de 1960 através da política de incentivo fiscal implementada pela ditadura militar por meio da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

(SUDAM), que proporcionou as condições para que a Revolução Verde fosse implementada no Estado.

Com o estabelecimento da comercialização de terras devolutas, formando latifúndios que foram transformados em propriedade privada dos capitalistas do Centro-Sul do país – principalmente paulistas – e com o financiamento por meio de dinheiro público voltados à implementação de projetos que atenderiam a integração nacional, a fronteira agrícola no Brasil estava direcionada a evoluir em direção à Amazônia Legal (LIRA, 2005). No início da década de 1970, a associação entre o Capital e a Ditadura Militar, que estava no comando do governo federal no Brasil, concentrou-se nessa aquisição de terras públicas com o intuito de posteriormente, na segunda metade da década mencionada, introduzir em Mato Grosso, a cultura de grãos de soja, em áreas que, mesmo com déficit de infraestrutura, tornava-se conveniente e compensatória devido a escala de produção permitida pelo latifúndio. Já a década de 1980, foi voltada para a instalação de agroindústrias, direcionada para a industrialização de grãos e a integração com a criação de gado de corte.

O complexo carne-grãos passa a ser um atrativo para os maiores grupos investidores do mercado nacional e internacional.

O complexo industrial grãos-oleaginosas-pecuária é o sistema dominante de agricultura em todo o mundo temperado, e se espalha para partes significativas dos trópicos. Suas paisagens podem ser comparadas a ilhas de gado concentrado em mares de monoculturas de cereais e oleaginosas. Desarticuladas dos seus ambientes circundantes, essas ilhas de gado confinado em mares de monoculturas são então rearticuladas por pesados fluxos de ração circulando através dos animais. Esta desarticulação e rearticulação é mediada por uma série de tecnologias, insumos, e grandes corporações, e depende do uso insustentável de recursos não renováveis e da externalização de custos sociais e ambientais (ESCHER; WILKINSON, 2019 p. 660-661)

O avanço da fronteira agropecuária em direção a Amazônia Legal, ocasionando transformações de toda a ordem, necessitava de novos espaços urbanos, que estivessem vinculados ao processo de globalização da economia, sendo que esse novo espaço tinha que cumprir um papel de absorver, conforme afirma Milton Santos (1994), a tecnificação e a informacionalização, a serviço da reprodução do pensamento hegemônico, fazendo com que, sob a tutela do conceito de “progresso”, a natureza fosse submetida a uma única função: a produtiva; eliminando qualquer outra forma de pensamento que não seja servir ou possuir.

É nesse sentido que os agentes sociopolíticos como o capital agropecuário, os especuladores imobiliários, em conluio com o Estado, estiveram presentes na formação do mercado de trabalho na região e no arranjo espacial das áreas rurais e urbanas, destinando o

espaço para a construção de uma nova funcionalidade na cidade não só econômica como também ideológica (AGUIAR, 2007).

A modernização dolorosa, por meio da alteração do ambiente, fez com que os biomas Cerrado e Amazônia produzissem grãos (atualmente transgênicos) devido a política produtiva voltada para os moldes da Revolução Verde. A capitalização do campo, estabelecida em Primavera do Leste, que está localizada em uma região de transição entre os biomas Cerrado e Amazônia, por meio da biocidas, fertilizantes químicos, maquinários que substituem o trabalho humano, fez com que os latifundiários tivessem um poder maior sobre a área urbana do município devido ao processo de consumo dos elementos mencionados, fazendo com que o arranjo espacial da cidade seja determinado pelas relações de dominação agrícola, com intuito de atender esses grandes proprietários (ROMEIRO, 1998). Porém, esse domínio não consegue atender à população que é atraída por esse mercado de trabalho. Primavera do Leste consiste em uma categoria de cidades que apresentam um processo de dominação do rural sobre o urbano e um crescimento acelerado, e que oferece aos trabalhadores que para lá se destinam a segregação espacial urbana.

## **CIDADES MATO-GROSSENSSES E O CRESCIMENTO POPULACIONAL ACELERADO**

As cidades de Mato Grosso tiveram um crescimento populacional significativo na década de 1970. Isso ocorreu devido as políticas de incentivo fiscal implementados pela ditadura militar - intensificando as políticas elaboradas durante o Estado Novo na década de 1930 - com o intuito de expandir a fronteira agropecuária no Brasil, aos moldes da Revolução Verde, que iniciava a sua ratificação no Brasil. Em 1970, Mato Grosso era composto por 34 municípios; em 1980, passou a ter 55; já na década de 1990, contava com 95. A partir dos anos 2000, passou a ter 141 municípios, número que é atualmente apresentado no Estado em questão (Vilarinho Neto, 2017).

O surgimento e a emancipação de novas cidades foram apresentando um significativo aumento de núcleos urbanos, e conseqüentemente ocorreu um rápido e elevado crescimento populacional. A migração em Mato Grosso, nas décadas de 1960 e 1970, começou pelo Sul do Estado, região da capital Cuiabá, que já estava estabelecida com uma estrutura urbana considerável, não só para região, mas mesmo em comparação com as grandes cidades do Brasil. Na década de 1980, a expansão agropecuária havia avançado em direção ao norte

mato-grossense, com grande ascensão nas microrregiões de Sinop e Alta Floresta, que passaram a apresentar o crescimento vegetativo similar as cidades do Sul do Estado.

A partir da década de 1990, com o estabelecimento da 2ª Revolução Verde, que estabeleceu uma transformação genética nas sementes de soja, milho e algodão, em conjunto com a abertura política direcionada ao capital externo, linhas de crédito passaram a contemplar o capital interno para que a produção, então ressignificada, pudesse alcançar altos níveis de acumulação. Esses vultosos investimentos, contribuíram para que essa década fosse a de maior crescimento populacional na microrregião de Primavera do Leste. Entre 1991 e 2000, tal região saltou de 18.507 habitantes para 57.078, apresentando uma taxa de crescimento demográfico de 13,3% a.a. (IBGE, 2000). O município de Primavera do Leste tem como principal atividade econômica o agronegócio.

Devido a concentração de terra promovida pela lógica de produção da Revolução Verde, cada vez mais há menos distinção entre o campo e a cidade. A produção do campo não se resume só as atividades que ocorrem da “porteira pra dentro”, mas a escala industrial, a qual passou-se a produzir as commodities no município, faz com que se necessite de mão-de-obra de toda ordem, não- especializada e especializada em cada setor da produção rural. Essa mão-de- obra é encontrada na cidade. Tais trabalhadores moram na cidade e trabalham no campo. Foi esse contingente que foi atraído pela lógica do agronegócio e chegou ao Mato Grosso para tentar prover a sua existência.

Em 2010, segundo o Censo, o município de Primavera do Leste tinha 52.066 habitantes. A partir dessa data, o IBGE não apresenta dados precisos, porém, faz-se estimativas. Tais estimativas apontam para uma população de 66.876 habitantes em 2020

Tabela 1 – Taxa de crescimento populacional nas microrregiões de Mato Grosso (% a.a.)<sup>3</sup>

Microrregiões	Taxa de Crescimento Populacional (% a.a.)			
	1970/1980	1981/1990	1991/2000	2001/2010
Aripuanã	27,5	14,6	3,7	3,6
Alta Floresta	33,4	12,8	0,5	1,0
Colíder	11,0	6,1	2,0	1,0
Parecis	12,9	11,0	7,5	3,7
Arinos	22,6	7,4	3,7	1,2
Alto Teles Pires	10,5	9,3	8,0	6,5
Sinop	20,7	10,8	6,6	2,8
Parnatinga	11,5	1,7	0,3	1,4

<sup>3</sup> O cálculo feito para alcançar a taxa de crescimento demográfico por ano, foi feito da seguinte forma:  $TxCP = ((Pf/Pi)1/10 - 1) \times 100$ .

Norte Araguaia	10,6	6,9	5,7	2,5
Canarana	11,0	6,1	2,0	2,3
Médio Araguaia	14,6	2,0	1,3	0,7
Alto Guaporé	9,3	8,5	3,8	1,3
Tangará da Serra	8,3	2,7	5,1	2,5
Jauru	10,6	1,2	-0,4	0,2
Alto Paraguai	3,2	2,1	-2,9	0,0
Rosário Oeste	0,5	0,7	0,3	-0,3
Cuiabá	8,0	6,1	2,0	1,4
Alto Pantanal	1,0	3,2	0,8	0,6
<b>Primavera do Leste</b>	<b>1,6</b>	<b>3,4</b>	<b>13,3</b>	<b>5,1</b>
Tesouro	-0,2	1,3	-1,0	0,1
Rondonópolis	2,0	2,7	2,0	2,1
Alto Araguaia	2,9	2,1	1,1	3,5

Fonte: IBGE (Censo Demográfico 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010) Elaboração dos autores.

## EXPLORAÇÃO URBANA E HABITAÇÃO EM PRIMAVERA DO LESTE

O déficit habitacional não é um problema exclusivo de um Estado ou município do Brasil, porém, com o crescimento populacional, orientado pelas atividades agrícolas em Mato Grosso, o processo de urbanização nas CPAs, incluindo Primavera do Leste, ocorreu por meio da especulação imobiliária. A habitação é certamente uma das mercadorias que tem maior grau de importância para a classe trabalhadora, e os agentes que promovem a especulação imobiliária utilizam dessa vulnerabilidade para alcançar a acumulação.

Por algumas vezes, a produção de habitação na área de expansão da fronteira agrícola é um processo legal, onde especuladores adquirem do Estado terras devolutas, e dentro das normas técnicas e da construção civil, regularizam a propriedade privada; porém, esses processos de compra e venda necessitariam de maior transparência. Outra forma de produção de habitação, e mais comum de aparecer na área de expansão da fronteira agrícola é a grilagem de terras cometidas por empresas imobiliárias que loteiam terrenos de forma clandestina e aproveitam-se da boa-fé e da esperança dos trabalhadores que chegam com a intenção de melhorar sua condição material de existência e são fatalmente impelidas pela necessidade de ter que ter algum lugar para morar (Santos, 2012).

O processo de produção de habitação de Primavera do Leste seguiu basicamente o segundo modelo apontado no parágrafo anterior, sendo que a gestão pública não interferiu na direção do processo de urbanização. Os loteamentos surgiram de acordo com as necessidades das imobiliárias, sem qualquer parâmetro legal ou de uma necessidade voltada para atender a classe trabalhadora. Ao contrário, a especulação com a vida gera lucros, e os preços das terras passam a ser desmedidos, fazendo com o que o trabalhador não alcance o acesso às terras que foram griladas pelas imobiliárias, e dessa forma, passa a ocupar áreas periféricas ao centro urbano.

A década de 1990 foi de grande transformação para a cidade de Primavera do Leste. O apogeu das implementações agrícolas ocorre desde a emancipação/fundação do município em 1986. O deslumbre econômico comandado pelas atividades do agronegócio, acabou por secundarizar a falta de acesso do trabalhador à moradia perante a gestão pública. Os especuladores trataram de fomentar a especulação desde que Primavera do Leste foi alçada a categoria de município.

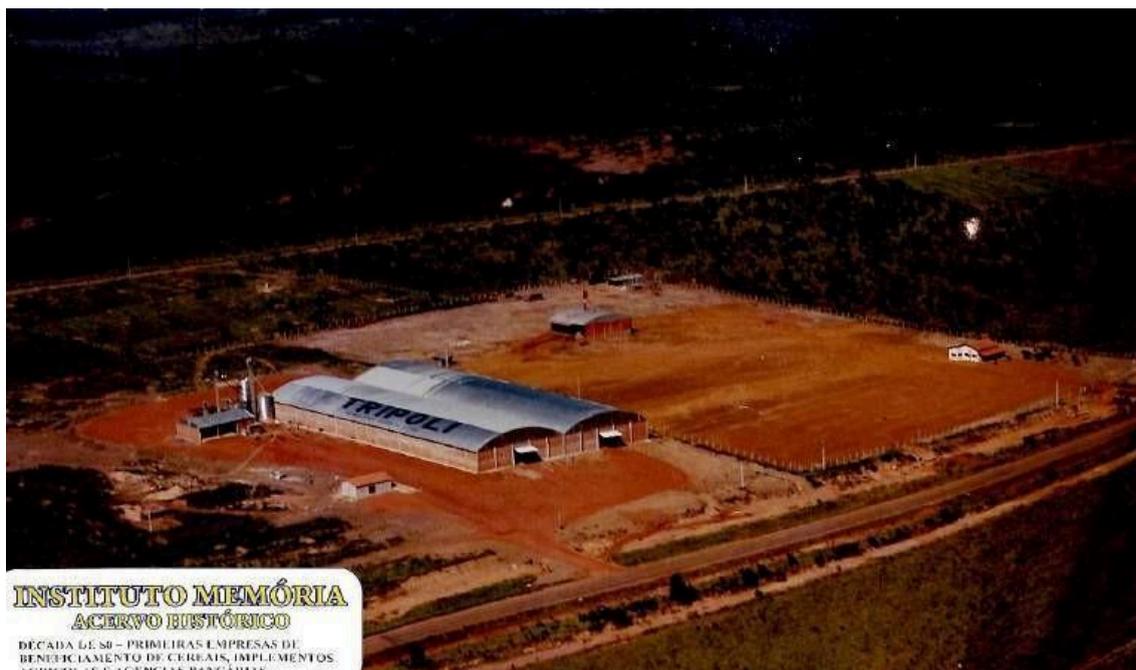
Figura 1 – Centro de Primavera do Leste em 1986



Fonte: Instituto Memória (Acervo)

Pela foto, percebe-se ao fundo os lotes vazios já preparados para a especulação. Muitos foram vendidos para que os compradores utilizassem o terreno para atividades de beneficiamento de grãos, fazendo com que as pessoas que já estavam habitando a periferia da cidade fossem cada vez mais para longe do centro.

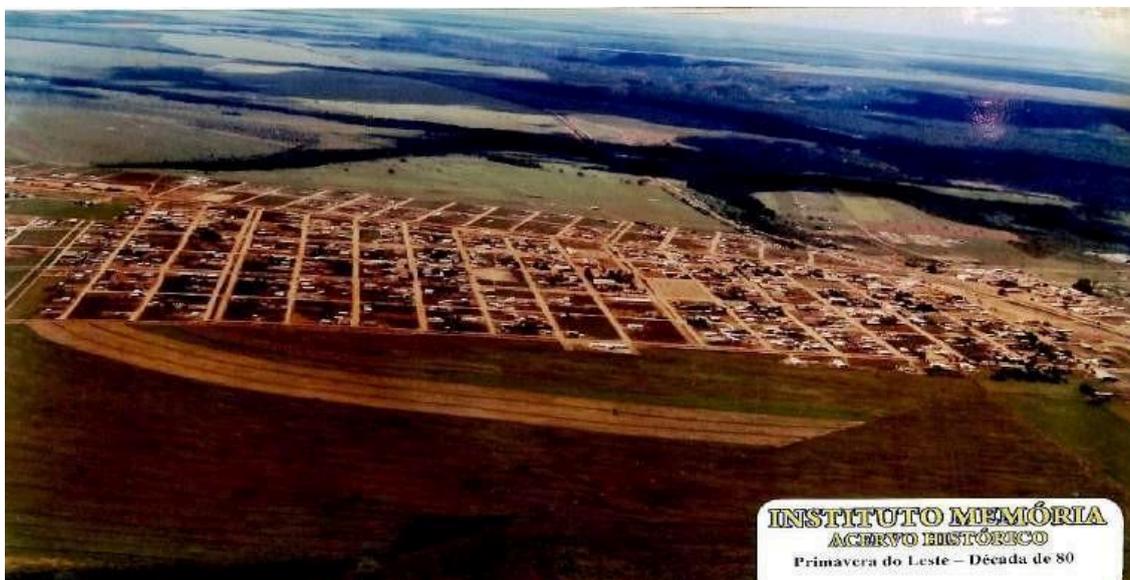
Figura 2 – Silo construído em Primavera do Leste já na década de 1980.



Fonte: Instituto Memória (Acervo)

Ainda, há a proximidade de latifúndios perto da cidade desde a sua formação (como mostra a figura 3), espremendo ainda mais a classe trabalhadora na busca pelos espaços para estabelecerem suas moradias. A cidade já nasceu basicamente fundamentada na propriedade privada, culturalizando a exclusão social.

Figura 3 – Plantações no entorno da cidade de Primavera do Leste na década de 1980



Fonte: Instituto Memória (Acervo)

Com essa segregação espacial e com vultosos volumes de produção, o custo de vida é alto em Primavera do Leste. O PIB de Primavera do Leste chega a 4 bilhões de reais, sendo que o PIB per capita é o dobro da média nacional. Há, em Primavera do Leste, 507 mil hectares cultiváveis, sendo que 246 mil hectares são destinados a soja (188 estabelecimentos), 165 mil hectares ao milho<sup>4</sup> (162 estabelecimentos), 25 mil hectares ao algodão (21 estabelecimentos) (todos transgênicos) e 77 mil hectares utilizados para a criação de gado. Essa concentração de terras, que leva a concentração de renda no município, faz com que a especulação financeira busque esse capital, elevando o preço dos terrenos, saindo do alcance da classe trabalhadora (Censo Agropecuário, 2017).

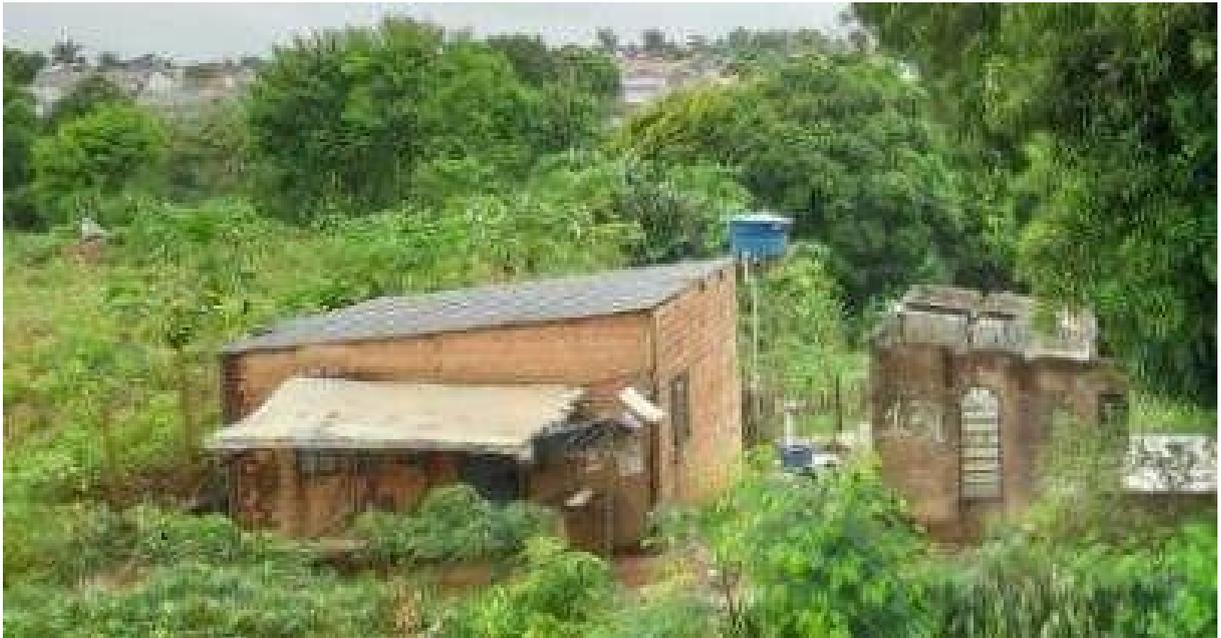
Atualmente, os trabalhadores que chegam no município, mesmo tendo comercializado seus terrenos ou casas em outras cidades não conseguem comprar um lote em Primavera do Leste. Os detentores do alto poder aquisitivo no município, adquirem os terrenos e constroem casas ou qualquer outro tipo de edificação, somente para especular novamente, valorizando monetariamente o terreno, atendendo os trabalhadores qualificados, que recebendo salários

<sup>4</sup> As lavouras de soja e milho, normalmente são plantadas no mesmo espaço.

mais elevados do que o trabalhador não-qualificado, conseguem auferir o valor de comercialização dos novos imóveis, e com o alto valor mantido, é inviabilizado o acesso a moradia do trabalhador menos valorizado. Tal atividade de re- especulação, tornou-se significativamente lucrativa em Primavera do Leste.

A exclusão social imposta por essa segregação espacial é refletida nas moradias da periferia de Primavera do Leste.

Figura 4 – Moradia precária na periferia de Primavera do Leste



Fonte: Acervo dos autores (Bairro Primavera III) (2021)

Figura 5 – Lixo nas ruas da periferia de Primavera do Leste



Fonte: Acervo dos autores (Bairro Primavera III) (2021)

Segundo a Coordenação de Habitação e Cadastro da prefeitura de Primavera do Leste, há 8.150 pessoas cadastradas, aguardando uma moradia popular. Esse número certamente é maior, pois parte da população não tem acesso a burocracia e nem as condições necessárias para se cadastrarem juntos aos órgãos competentes.

Portanto, a segregação espacial reflete-se como uma segregação de classe, na qual se afirma a concentração da classe dominante em um determinado local perante a destinação da exclusão deste mesmo espaço perante a classe trabalhadora (Fioravanti, 2017). Ainda que, haja o imaginário de que as distintas classes têm o mesmo direito de ocupar os espaços, dentro do sistema capitalista, tal direito se torna efêmero.

A possibilidade de acesso à moradia, por exemplo, está subordinada ao nível salarial. Ao discutirmos o desenvolvimento do capitalismo monopolista, vimos como a troca desigual apoia-se no fato de que os trabalhadores de todo o mundo capitalista recebem salários diferentes para produzir riquezas de mesmo valor. De fato, nós sabemos que o trabalhador que recebe o piso salarial nacional, não consegue sequer alimentar devidamente sua família, o que dizer de ter acesso a uma moradia, pela compra ou aluguel do imóvel (SPOSITO, 2000, p. 89- 90).

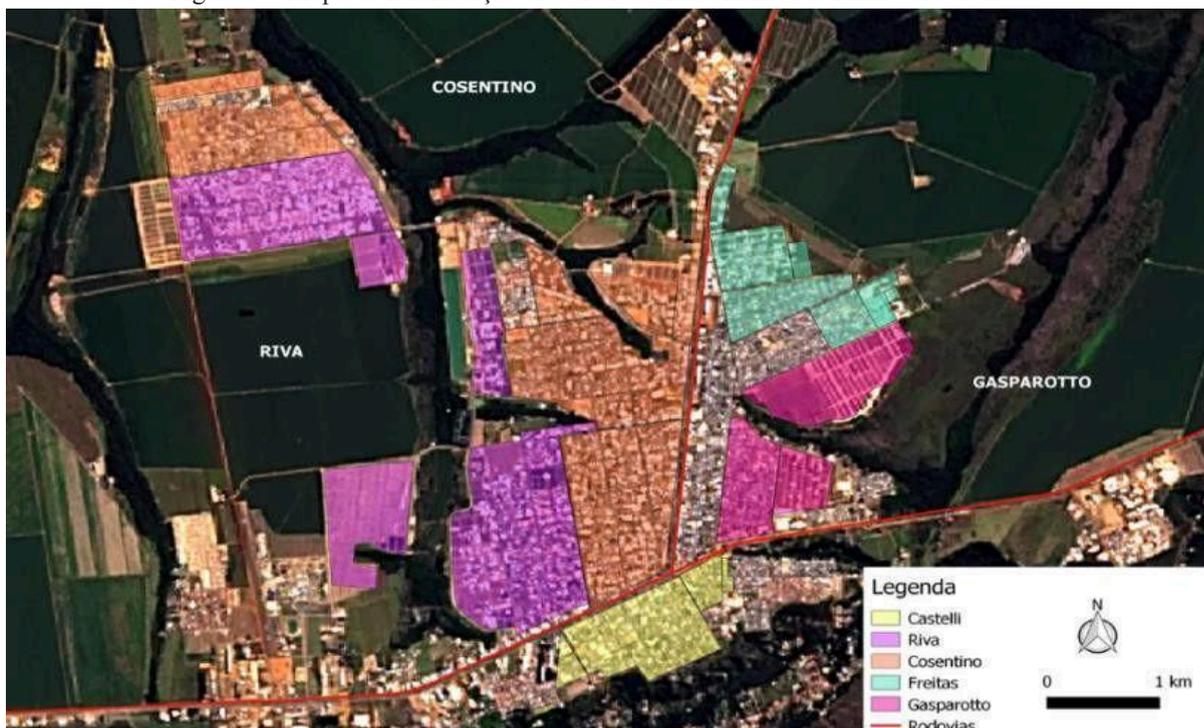
Os espaços urbanos em que se concentram as classes mais abastadas, são compostos por uma significativa infraestrutura de alta qualidade, enquanto os espaços periféricos não são atendidos minimamente, não tendo serviços básicos e vitais, como saneamento básico. Refletindo essa realidade, nas áreas mais abastadas de Primavera do Leste, 93,2% dos

moradores são pessoas brancas, já nos bairros periféricos, as mesmas são apenas 24,6% (Fioravanti, 2017); ainda, 3.387 pessoas não têm acesso a água, 9.602 habitantes não têm acesso ao saneamento básico e 11.387 pessoas não têm seu lixo coletado (INSTITUTO ÁGUA E SANEMAENTO, 2020).

Apesar de contabilizar menos de 70 mil habitantes, Primavera do Leste apresenta problemas urbanos que são característicos de grandes cidades. Muitos deles relacionados a falta de acesso de serviços ligados a cidadania, como educação, saúde, lazer e transporte. A exclusão social também se caracteriza pela moradia, pois destinam a classe trabalhadora a ocuparem áreas não permitidas perante a lei, mas necessárias para reproduzir sua existência. Primavera do Leste apresenta 25% da população vulneráveis a pobreza e 30% das pessoas com mais de 18 anos sem ensino fundamental completo e trabalho formal (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2017).

A construção dessas relações socioespaciais na área urbana de Primavera do Leste, foi acometida historicamente como vimos, sendo comandada de início pelas então colonizadoras – a primeira foi Primavera S/A de propriedade do paulista Edgar Consentino – e posteriormente pelas imobiliárias que foram se instalando atraídas pela oportunidade de especular. São referenciados como “pioneiros” dentro do município e formaram, por meio de cinco imobiliárias, um oligopólio, como se fora um cartel.

Figura 6 – Mapa de Distribuição do cartel das imobiliárias de Primavera do Leste



Fonte: FIORAVANTI (2017).

Em uma cidade de quase 70 mil habitantes, 5 imobiliárias detêm o poder da comercialização de terras, sendo que uma não interfere no território da outra. Devido a esse oligopólio, ocorre a supervalorização dos imóveis e a exclusão social.

O número de construções na área urbana de Primavera do Leste em 2021, segundo a Coordenação de Tributos e Cadastro da Prefeitura do município é de 18.994 edificações residenciais, 1.621 comerciais e 147 industriais. Nos anos de 2018, 2019 e 2020, houve mais mil edificações novas construídas, sendo respectivamente a quantia de: 1.033, 1.209 e 1.310 de inclusões de pagantes do Imposto Predial e Territorial Urbano do município, e ainda assim, a segregação socioespacial não só permanece, como também é intensificada, por meio do neodeterminismo como afirma Milton Santos (1994), o que resulta em uma monocultura mental como reitera Vandana Shiva (2014).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como mencionado anteriormente, Primavera do Leste possui um déficit habitacional significativo, 8.150 pessoas estão cadastradas na coordenação de Habitação e Cadastro da prefeitura do município na espera de obter uma moradia. Com a taxa de crescimento populacional, se mantendo acima de 5% a.a., a tendência é que haja um aumento neste déficit habitacional. Não há perspectiva de queda no crescimento populacional, pois mesmo na pandemia, o agronegócio bateu recorde em suas safras no município, isso faz com que haja um processo de atração dos migrantes de outros municípios e até mesmo de outros Estados, em busca de uma melhor condição material de existência. O elevado custo de habitação no município de Primavera do Leste, passa a ser uma ferramenta de exclusão social, pois o comprometimento de grande parte da renda com habitação, faz com que a condição de vida do trabalhador seja precária.

Quanto ao poder público, o último projeto executado no que se refere a habitação, foi o “Residencial Vida Nova”, no bairro Primavera III, localizado na periferia de Primavera do Leste, onde a prefeitura entregou, entre os anos de 2020 e 2021 a quantidade minguada de 60 casas! Salieta-se a importância das casas para as famílias que a conseguiram, porém há que se realçar que existem mais 8 mil famílias para receber moradias dignas no município. A figura 6, de forma ilustrativa, aponta que ainda há espaços a serem explorados pelas imobiliárias. A prefeitura poderia pleitear essas áreas e destiná-las à projetos voltados para a

produção de moradias, contemplando famílias de baixa renda. Porém tais áreas já estão destinadas à especulação com suas respectivas imobiliárias em atuação, tornando-se uma reserva de mercado. Tais relações econômicas fazem com que Primavera do Leste tenha um alto déficit habitacional devido ao alto custo da mercadoria e habitação.

O processo de urbanização em Primavera do Leste, é muito semelhante a de outras CPAs no estado de Mato Grosso, não sendo, esta perversidade, exclusiva somente do município em questão. Dessa maneira, a segregação socioespacial vai imperando no estado de Mato Grosso, sendo a precarização da existência da maioria da classe trabalhadora do Estado, um resultado das relações impostas pela Revolução Verde, que impera nas relações sociais, políticas e econômicas e principalmente, nas relações culturais da população mato-grossense.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Z. **Cadê o Agro desse Negócio: Transformações socioespaciais em Mato Grosso decorrentes do Agronegócio**. Campinas: EdUnicamp, 2007.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Territorialidades e Indicadores**.

<http://www.atlasbrasil.org.br/consulta>. Acesso em 29 de junho de 2022. CORREA, R. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática. 1999.

ESCHER, F.; WILKINSON, J. **A Economia Política do Complexo Soja-Carne Brasil-China**. Brasília: Revista de economia e Sociologia Rural, 2019.

FIORAVANTI, L. **Atlas Socioespacial de Primavera do Leste**. Primavera do Leste: IFMT, 2017.

GRAZIANO, J. S. **A Modernização Dolorosa: Estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017**.  
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/primavera-do-leste/pesquisa/24/76693> Acesso em: 02 de Abril de 2022.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**.  
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/administracao-publica-e-participacao-politica/9663-censo-demografico-2000.html?=&t=destaques>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

INSTITUO ÁGUA E SANEMAENTO. **Municípios e Saneamento: Primavera do LesteMT**. <https://www.aguaesaneamento.org.br/municipiosesaneamento/mt/primavera-do-leste>. Acesso em: 9 de Junho de 2022.

INSTITUTO MEMÓRIA. **Acervo**. Primavera do Leste, S/D.

LIRA, S. **Morte e Ressureição da SUDAM: Uma análise da decadência do padrão de planejamento regional na Amazônia**. Belém: Ed. NAEA, 2005.

MORENO, G. **Terra e Poder em Mato Grosso: Política e Mecanismos de Burla**. Cuiabá, Entrelinhas, 2007.

ROMEIRO, A. R. **Meio Ambiente e Dinâmica de Inovações na Agricultura**.

São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo, Globalização e Meio Técnico Científico Internacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, R. S. **Fronteira Agrícola, Força de Trabalho e o Processo de Urbanização em Mato Grosso**. Uberlândia: Caminhos da Geografia, 2012.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente: Perspectivas da Biodiversidade e da Tecnologia**. São Paulo: Gaia, 2014.

SPOSITO, M. E. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2000. VEBLEN, T. A **Teoria da Classe Ociosa**. São Paulo: Atica, 1974.

VILARINHO NETO, C. S. Dinâmica Urbana Regional. MORENO, G.; HIGA, T. H. **Geografia de Mato Grosso: Território, sociedade e ambiente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2017.